

CARTILHA PEDAGÓGICA: INTERFACES ENTRE IMAGENS DE REFERÊNCIA E IMAGENS DO CAMPO DA ARTE

PEDAGOGICAL CARDS: INTERFACES BETWEEN REFERENCE IMAGES AND IMAGES OF THE CONTEXT OF ART

Lucas Pacheco Brum / SET
Marcos Vinícius Magalhães / SEDF

RESUMO

O presente trabalho é uma reflexão e uma apresentação sobre o processo de criação de uma cartilha pedagógica desenvolvida durante o curso de especialização em Processos e Produtos Criativos da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), no ano de 2018. A cartilha foi construída a partir do conceito de imagens de referência reconhecidas do universo dos/as alunos/as juntamente com imagens reconhecidas e institucionalizadas do campo da Arte - História da Arte - problematizando as interfaces entre as imagens, bem como suas potências pedagógicas. Nessa perspectiva, os apontamentos teóricos deste trabalho são provenientes dos estudos da Cultura Visual e do seu desdobramento no campo da arte/educação contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Imagens de referência; cartilha pedagógica; aprendizagem; Cultura Visual; Educação em Artes Visuais.

ABSTRACT

The present work is a reflection and presentation about the process of creating a pedagogical cards developed during the course of specialization in Products and Creatives Process of the University of Goiás, in Brazil (FAV/UFG), in the year 2018. The material was built to present the concept and recognized reference images of students' universe with institutionalized images from the context of Art - History of Art - problematizing the interfaces between this images, as well as their pedagogical powers. In this perspective, the theoretical notes of this work come from the studies of Visual Culture and its unfolding in contemporary art/education.

KEYWORDS

Reference images; pedagogical primer; learning; Visual Culture; Education in Visual Arts.

Introdução

É evidente que o processo de Educação em Artes Visuais é permeado por imagens, muitas das quais são convencionadas e legitimamente instituídas pelo teor intelectual e cultural que elas abarcam, mais especificamente as imagens da História da Arte, que se apresentam demasiadamente nos currículos escolares e nos planejamentos dos/as professores/as. As imagens que ocupam espaço e território no currículo estão, a todo o momento, em conflito com as imagens e visualidades advindas das diferentes culturas, das mídias, dos processos midiáticos e dos cotidianos dos/as alunos/as. No âmbito pedagógico, encontramos um número exorbitante de imagens que chegam endereçadas à escola, à sala de aula e ao currículo, do mesmo modo, encontramos imagens que estão presentes através dos telefones celulares dos/as alunos/as, nas músicas que ouvem e nos modos como falam, andam, comportam, expressam e agem. Elas se fazem presentes nos processos de subjetivação - na construção de si (FOUCAULT, 2007).

As imagens canônicas institucionalizadas pelo dispositivo escolar e as imagens do cotidiano, com as quais (nós) convivemos diariamente, se inserem no campo de estudos da cultura visual. Nesse sentido, as visualidades não produzem hierarquia ou dicotomia entre as diferentes imagens, surgindo, assim, o conceito de **imagens de referência** (BRUM, 2017) como um dos principais gérmenes deste trabalho. Sob um processo de constituição da pesquisa, esse conceito foi discutido e problematizado na busca por reconhecer e “legitimar” as imagens que surgem em meio ao contexto dos/as alunos/as, povoando discussões e processos de identificação em meio às experiências que os sujeitos têm com tais imagens.

Uma ideia mais concreta sobre “imagens de referência” pode ser encontrada nas perspectivas traçadas por Lucas Pacheco Brum (2017), em sua dissertação de mestrado intitulada “**Imagens de referência**: uma trama entre a cultura visual e a educação da cultural visual”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Arte, da Universidade de Brasília – UnB, onde conceituou “imagens de referência” como

sendo as imagens que constituem os repertórios visuais dos/as alunos/as a partir das mídias sociais. Desse modo, as imagens de referência são aquelas que circulam e estão presentes na vida diária dos/as alunos/as, podendo ser a representação de seus artistas, cantores/as e personagens favoritos de filmes, seriados, novelas, desenhos animados, *clipes* musicais, entre outros. São imagens e referências que, de algum modo, produzem sentido e significado em suas vidas “impactando nos modos de ser e estar no mundo e influenciando as suas atitudes, pensamentos, gostos, modos de falar, de vestir, de andar e pensar” (BRUM, 2017, p. 23).

Ao apropriar do conceito de imagens de referência e na “criatividade” como um processo de construção e idealização de um material pedagógico, foi desenvolvido o esboço de uma cartilha pedagógica a partir das imagens próprias da realidade dos/as alunos/as, sendo uma ferramenta pedagógica destinada para os/as professores/as do campo das Artes Visuais. Assim, o material desenvolvido e esboçado em meio a essa trajetória de pesquisa busca auxiliar o processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais, bem como gerar ideias e diálogos entre as imagens reconhecidas do universo estudantil com as visualidades “instituídas” do campo da Arte. Ademais, busca-se, em perspectivas futuras, motivar os/as professores/as para a criação de suas próprias cartilhas pedagógicas, apresentando as imagens de referência de seus/suas respectivos/as alunos/as e traçando, a partir de um posicionamento crítico e coerente, as relações e problematizações possíveis.

Como produto final de tais reflexões, foi idealizada uma cartilha composta por 07 (sete) fichas, sendo que cada ficha contém uma imagem de referência de um/a aluno/a, e uma visualidade do campo institucionalizado da Arte. Tal configuração não é uma regra, pois há fichas que continham mais de uma imagem do campo da Arte. A partir da apresentação dessas imagens foram elaboradas duas propostas pedagógicas, com fundamentação teórica dos estudos do campo da cultura visual.

Entretanto, para a criação da cartilha, foi realizada uma coleta de dados visuais a partir do repertório de imagens dos/as alunos/as de uma escola da rede pública do

Distrito Federal. Nesse sentido, ao seguir os trâmites da pesquisa em ambiente escolar, o processo da coleta dos dados foi desenvolvido, sendo articulado em meio a um planejamento de aula. O trabalho foi desenvolvido com uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, com alunos/as entre 12 e 14 anos de idade. Assim, as referências dos/as alunos/as foram surgindo em meio ao processo criativo que estava sendo realizado. Nessa perspectiva, a criação da cartilha esteve voltada para esta faixa etária (observando o tempo e o espaço onde tais imagens surgem e estão veiculadas), o que não impede aos/as professores/as de a utilizarem como uma possibilidade metodológica. O material, aqui apresentado e problematizado, propõe novas ideias e se abre para inúmeras possibilidades de interfaces entre as imagens. Sob uma perspectiva transdisciplinar, os diferentes contextos bem como a capacidade crítica e criativa dos/as professores/as permitirão novos caminhos, aproximações e diálogos.

Cabe considerar que a cartilha e cada ficha pedagógica não são uma receita ou um modelo de aula a ser seguido, mas são, antes de mais nada, ideias a serem compartilhadas, sugestões possíveis de problematização e diálogo. São interfaces entre as imagens de referência e do cotidiano com as visualidades do campo da Arte.

Portanto, a criação e a apresentação de um material pedagógico, como um produto criativo e metodológico, se justifica na medida em que se encontram dificuldades entre professores/as (e nós, como arte/educadores) de trabalharem em sala de aula com as imagens reconhecidas pelos/as alunos/as juntamente com as visualidades do campo da Arte. Assim, com o desenvolvimento de uma estratégia didática buscou-se diminuir tais alargamentos e distanciamentos existentes entre as imagens que os/as alunos/as gostam e se identificam, e com aquelas que já são estabelecidas pelo currículo canônico da escola. Por fim, como consequência desse processo de criação, buscou-se, também, o desenvolvimento de uma discussão teórica sobre as escolhas do curso da pesquisa.

Nesse exercício, o presente artigo é um discurso necessário sobre o processo criativo que o trabalho encerra, a partir das díspares perspectivas do campo dos estudos da cultura visual. As fichas da cartilha são sugestões e possibilidades pedagógicas que poderão ser usadas no processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais, bem como possibilitar novas propostas a partir destes distanciamentos imagéticos, ou, talvez, possíveis estreitamentos entre as diferentes imagens.

O processo de criação: a cartilha pedagógica

O esboço da cartilha pedagógica, o qual foi concebido e apresentado como um produto teórico e criativo tendo em vista a conclusão do curso de especialização, foi composto por 07 (sete) fichas. Cada ficha foi composta por uma imagem de referência e uma ou mais imagens do campo da Arte. Conforme as fichas foram sendo produzidas foi identificada a necessidade de buscar mais imagens de maneira que potencializasse as interfaces entre as imagens de referência e as imagens do campo da Arte. As escolhas das imagens que iriam compor cada ficha se justificaram tendo em vista as imagens que mais se repetiam entre os/as alunos/as durante a coleta, que foi realizada com uma turma de alunos de uma das séries finais do Ensino Fundamental de uma escola pública de Brasília. Cabe ressaltar que o curso da pesquisa e do material pedagógico desenvolvido veio ao encontro da realidade própria vivenciada pelos pesquisadores e educadores, autores do presente trabalho. Assim, o processo da coleta das imagens se deu por meio de um planejamento. Na escola foi desenvolvida uma dinâmica de trabalho tendo em vista os processos de identidade provenientes do campo da arte. Tendo em vista uma temática já trabalhada pelo professor, os alunos apontaram, a partir de suas ideias e reflexões, novas referências. Desse modo, percebeu-se que tais referências (e influências), apresentadas pelos alunos/as, faziam parte da cultura visual e que estavam, de algum modo, no cotidiano social e escolar. Cabe ressaltar, nessa perspectiva, que foram coletadas imagens de referência como: imagens de bandas de *rap*, *funk*, imagens do contexto gospel, visualidades próprias de *youtubers*, blogueiras/os, imagens de cantores/as, atores, atrizes e entre outros.

Assim, tendo vista a variedade de imagens fizemos a escolha pelas seguintes referências: Anitta, Pablo Vittar, Harry Potter, Mulher Maravilha, Os Pregadores da Paz, Éverton Augusto e Danni Russo. Após as escolhas partiu-se para o processo de coleta e pesquisa na *internet* que, de alguma forma, foi encontrada certa dificuldade em escolher - e eleger - qual seria a melhor imagem que iria compor as respectivas fichas. Vale considerar e reconhecer, mais uma vez, que a referência do universo dos/as alunos/as possui centenas de imagens publicadas, compartilhadas, (re) produzidas e editadas nas plataformas de relacionamentos, *sites*, blogs e em banco de dados de imagens.

Em meio a esse percurso esboçou-se um planejamento para cada imagem, quais seriam as ideias e potencialidades de cada uma delas e quais seriam as interfaces possíveis que uma imagem permite e permeia com outras do campo Arte. Durante tal planejamento, foi identificada uma gama de conceitos, assuntos, temáticas e abordagens que uma mesma imagem sugere. Decidiu-se, nessa perspectiva, quais seriam os conceitos discutidos (e problematizados) e como iriam ser abordados tais assuntos em cada uma das imagens. Depois desse processo, foi realizada uma pesquisa na *internet*, em livros da História da Arte e de Arte Contemporânea, catálogos de Bienais, exposições, dentre outros recursos de modo a encontrar visualidades do campo da Arte. Visualidades estas que pudessem produzir interfaces e diálogos possíveis com cada imagem de referência, como mostra o exemplo da (Figura 1)¹. As imagens e o texto que se seguem ilustram uma das fichas da cartilha, tendo como referência a imagem da Mulher Maravilha (uma releitura da personagem de histórias em quadrinhos publicadas pela editora *DC Comics*; filme do ano de 2017) e a outra a imagem da obra “Figuras”, de 1983, da fotógrafa e artista conceitual Sarah Charlesworth (1947 - 2013) – imagem do campo da Arte, juntamente com a estrutura da ficha pedagógica.

BRUM, Lucas Pacheco Brum; MAGALHÃES, Marcos Vinícius. Cartilha pedagógica: interfaces entre imagens de referência e imagens do campo da arte, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1645-1657.



Questões Potentes: Qual é a relação de guerra e de violência entre as duas imagens? O que esconde a imagem do vestido na obra “Figuras”? Qual seria o papel da mulher que na obra de Sarah Worth tenta “libertar”? Como possível interpretação dos elementos da obra de Sarah Worth como o corpo amarrado e o vestido de noite (com suas marcas impostas pela sociedade) busca uma nova posição do papel mulher na sociedade. Qual seria essa posição? Quais as diferenças entre a roupa de “Mulher Maravilha” e os elementos da obra “Figuras”? Quem é a Mulher Maravilha? A Mulher Maravilha seria uma nova ideia de mulher nos dias atuais, diferentemente da mulher apresentada na obra “Figuras”? Quem são as “Mulheres Maravilhas” do nosso cotidiano? Por que essas mulheres poderiam ser vistas dessa maneira? Elas lutam pelo quê? Em que momento da história a artista Sarah realizou seu trabalho? E de que forma essas duas imagens se relacionam com as nossas vidas? Há, por meio das imagens, alguma referência ao movimento “feminista”? O que esse movimento representa para os nossos dias?

Proposta 01: Realize com os/as estudantes uma pesquisa fazendo recortes em jornais e revistas sobre palavras/frases/dizeres/pensamentos/ ditos populares machistas e imagens que coloque a figura das mulheres em situação de submissão, inferioridade em relação aos homens e em situações que envolvem o preconceito. Analise tal exercício a partir dos papéis sociais e dos diferentes contextos da mulher na contemporaneidade, bem como as convenções e os regimes de verdades que circulam em torno da mulher. Discuta sobre as conquistas de espaços e direitos que a mulher possui hoje e quais elas deverão ter (relembre o dia 08 de março, “Dia da Mulher”). Após, crie cartazes (no estilo de propagandas) a partir dos recortes e das análises de modo a desenvolver a reflexão, a valorização, o respeito e a conscientização dos novos papéis da mulher nos dias atuais. Explore a colagem, a escrita, o desenho e os diversos materiais. As estratégias da linguagem visual poderão ser exploradas nessa atividade. Como desdobramento, os cartazes poderão ser transformados em cartilhas, podendo ser distribuídas para toda a comunidade escolar.

Proposta 02: Realize em conjunto com os/as estudantes um álbum de imagens com diferentes tipos de mulheres (mulheres de diferentes corpos, etnias, idades, religiões, estilos de vidas, nacionalidades, culturas e espaços sociais). Estas imagens poderão ser coletadas de revistas, jornais e de espaços virtuais. Após, a coleta das imagens reúna os/as estudantes em um círculo para discutir sobre o material coletado. Questione sobre as diferenças culturais, sociais, imposições sociais entre as imagens. Promova um debate em que os/as estudantes possam perceber que os regimes de “verdades” impostos em relação às mulheres mudam a partir dos espaços em que elas estão inseridas, bem como ao longo da história da humanidade. A construção do álbum poderá ser realizada em um espaço virtual (se todos tiverem acesso), ou manualmente em cadernos, agendas, etc.

Dicas de Pesquisas: Pinturas da artista Mexicana Frida Kahlo. O filme “Frida”. Os autorretratos da artista Americana Cindy Sherman. As esculturas da artista Francesa Louise Bourgeois. As colagens da artista Brasileira Barbara Kruger. As fotografias e instalações da artista Francesa Sophie Calle. As *performances* da artista Italiana Vanessa Beecroft. As pinturas da artista Inglesa Jenny Saville. As fotografias da artista Holandesa Rineke Dijkstra sobre (maternidade e nascimento). O coletivo *Guerrilla Girls*. As capas das revistas *Vogue* e entre outros artefatos.

Figura 1. Exemplo de uma ficha da Cartilha Pedagógica, 2018. Criação de Lucas Pacheco Brum e Marcos Vinícius Magalhães.

Nesse sentido, cada ficha possui um bloco de questões, sendo identificada por “questões potentes”, que foram elaboradas a partir das imagens que foram escolhidas - imagens de referência e imagens do campo da Arte. Na sua construção, houve a preocupação de não elaborar questões que dirigissem de maneira determinista e positivista as possíveis respostas dos/as alunos/as, mas sim, questões que desenvolvessem e promovessem o posicionamento crítico e autônomo de cada um, bem como o desdobramento de outras questões e discussões a partir destas, já apontadas. Desse modo, as questões não são fechadas e únicas, elas apontam algumas direções possíveis que potencializam as interfaces entre as imagens. A preocupação, aqui, é tornar visíveis as diferentes possibilidades e as possíveis potências entre as imagens reconhecidas do universo dos/as alunos/as com as imagens do campo da Arte.

As fichas também têm duas propostas - “proposta 01 e proposta 02” -, que são propostas de atividades, as quais foram desenvolvidas a partir das imagens levando-se em consideração a realidade de uma escola pública do Distrito Federal. As atividades são algumas ideias, apontamentos e possibilidades que poderão ser realizadas em sala de aula. Optou-se por criar atividades simples e criativas que poderão ser modificadas, adequadas e adaptadas para cada contexto escolar. Além disso, como observado na imagem, cada ficha possui também um bloco que foi chamado de “dicas de pesquisas” que são dicas de imagens, filmes, músicas, obras de arte das mais diferentes linguagens, movimentos da História da Arte, e sugestões de artistas contemporâneos que ajudarão os/as professores/as na elaboração dos seus planejamentos de sala de aula e de suas próprias cartilhas pedagógicas.

As “dicas” são outras referências sobre cada assunto, os quais poderão ser utilizadas para aprofundar as práticas pedagógicas em arte e os planejamentos escolares. Elas tratam direta ou indiretamente sobre o mesmo assunto, temática ou conceito, deixando a critério dos/as professores/as escolher as referências e a melhor maneira de abordá-las, levando-se em consideração a faixa etária dos/as alunos/as e a realidade de cada espaço escolar. Para a realização das “dicas de pesquisas” foi explorado os diferentes meios eletrônicos, *sites* de busca, livros/catálogos, bem como outros similares.

Algumas fichas pedagógicas, por exemplo, foram construídas não a partir do que está explícito em cada imagem, de maneira literal - os elementos visuais -, mas sim pelos discursos que elas produzem, sobretudo através das mídias sociais. Nessa perspectiva, em consonância com Tourinho (2009), “o mundo visual também junta diferentes discursos – imagem e palavra, por exemplo – e é construído a partir das articulações que os indivíduos percebem, produzem, participam, criticam transformam ao viver suas experiências” (p. 145). A autora destaca, ainda, que os discursos são formados por nossas experiências, ou seja, a partir dos sentidos que damos a eles e que, a partir de um discurso visual é possível levar a outras formas de discursos, como os sentidos sonoros, verbais e textuais.

Assim, entende-se que a prática pedagógica e sistemática em Artes Visuais não se trata apenas de trabalhar didaticamente o que está explícito visualmente e “literalmente” nas imagens, mas também os discursos que elas disseminam, publicam e compartilham, por meio das redes sociais. Tais discursos estão inter-relacionados em uma rede complexa operando sobre os/as alunos/as, e sobre nós, subjetivamente. Entretanto, existem camadas de discursos através das imagens que precisam ser dissecadas e discutidas criticamente nos processos de ensino e aprendizagem; desconstruindo os clichês, as verdades e as hegemonias que circulam entre os/as alunos/as, no espaço escolar e nas sociedades contemporâneas.

A ideia de trabalhar com as imagens de referência fazendo suas interfaces com as imagens do campo da Arte não está voltada para um processo de decodificação, a partir dos elementos e códigos da linguagem visual - cor, ponto, linha, textura e perspectiva -, muito menos com a leitura de imagens, mas sim em ir mais longe do que as camadas típicas da leitura visual. Desse modo, tais abordagens são reconhecidas como parte da alfabetização visual, o que não cabe nesse tipo de trabalho e discurso a pretensão de fazer relações comparativas entre as imagens, sobretudo em seu sentido determinista. Tourinho (2011) ajuda a compreender que a cultura visual não enfatiza

[...] as questões de forma, cor, textura, composições, etc., elementos que pretendem dissecar as imagens sem, contudo considerar como a experiência social do ver e ser visto, bem como os usos das experiências e visualidades, impactam e instituem modos de ver, modos de ser, agir, de desejar e de imaginar. (TOURINHO, 2011, p. 12).

Nessa perspectiva, são as experiências que os/as alunos/as têm com suas imagens de referência, bem como o modo como as veem, e aquilo que, subjetivamente, produz em seus corpos e em suas culturas que devem ser levados para uma prática pedagógica ao encontro da educação da cultura visual. Sob um posicionamento crítico e sistemático, tais direcionamentos podem gerar construções e interfaces com

as imagens do campo da Arte. Dessa maneira, os/as alunos/as poderão refletir criticamente; imaginar, compreender, contextualizar e desenvolver o fazer artístico dentro de propostas pedagógicas que favoreçam o reconhecimento das suas imagens e da sua cultura como parte do conhecimento que se está construindo dentro da sala de aula. A “ideia-chave” destas imagens é que os estudantes estabeleçam “vinculações com outros conhecimentos e com sua própria vida” (HERNÁNDEZ, 2000, p. 137). Mas, também, com outras imagens e com os mais variados assuntos.

Considera-se, mais uma vez, que o esforço e o esboço da elaboração da cartilha pedagógica, tal como suas particularidades, surgiu em meio ao processo criativo e da demanda proveniente do campo da educação em artes visuais. A partir dessas questões, é possível perceber que a necessidade de materiais educativos e propostas pedagógicas que trate das culturas e das imagens dos cotidianos dos/as alunos/as colocando em discussões seus gostos, olhares, prazeres e experiências estéticas, dentro do processo educacional, não são apresentadas na velocidade em que elas são produzidas e interpretadas e, a todo instante, nossos/as alunos/as apresentam novas visualidades e contextos em sala de aula. Cabe ressaltar que as imagens apresentadas nos livros didáticos muitas vezes não acompanham as necessidades e os desejos de aprendizagens dos alunos/as, sendo que as imagens que estão fora dos livros didáticos se apresentam muito mais sedutoras e atraentes.

Filho (2012) nos ajuda a compreender sobre o assunto inferindo que “a imagem das pessoas que protagonizam a vida escolar parece não ter significação maior na equalização do currículo da disciplina, a despeito do que portam e indicam de um mundo em plena configuração, no qual a visualidade é central” (FILHO, 2012, p. 165). O autor faz observações importantes, pois as imagens reconhecidas do universo dos/as alunos/as são, muitas vezes, negligenciadas nas práticas e nos currículos escolares, que têm como principal escopo curricular as imagens e os conhecimentos formais da arte. Nessa perspectiva, a inserção e a problematização do uso de tais imagens e referências parece ser primordial no percurso educacional.

BRUM, Lucas Pacheco Brum; MAGALHÃES, Marcos Vinícius. Cartilha pedagógica: interfaces entre imagens de referência e imagens do campo da arte, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1645-1657.

Portanto, como já discutido ao longo do texto, Duncum (2011) aponta para uma perspectiva de uma educação tendo como princípio a cultura visual, que segundo ele “é bastante inclusiva, pois incorpora as belas-artes juntamente com a extensa gama de imagens vernáculas e midiáticas, imagética eletrônica contemporânea e toda a história da imagética produzidas e utilizadas pelas culturas humanas” (DUNCUM, 2011, p. 21).

Para Fernando Hernández “a cultura visual é também um campo transdisciplinar, isso significa considerar outras representações visuais portadoras e mediadoras de significados e oposições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 33). Nesse sentido, o arcabouço imagético proveniente do cotidiano não é um campo de limitação, mas antes, uma ferramenta que auxilia no conhecimento compartilhado em sala de aula, bem como no entendimento de quem são nossos/as alunos/nas.

Por fim, o processo de construção da cartilha, como um produto teórico e criativo estabeleceu-se por meio da interface entre imagens que se configuram em meio a contextos diferentes. Nessa perspectiva, tal esforço se firmou, *a priori*, no questionamento das concepções sociais e históricas do conceito de “cartilha”. Aqui, o processo de construção e reflexão acerca de um material pedagógico não se apresenta de maneira impositiva, mas busca contribuir e “clarear” concepções, relações (e flexibilidades) possíveis. O viés criativo, nessa perspectiva, se caracterizou ao estabelecer possibilidades pedagógicas entre as diferentes imagens, possibilidades estas que se firmam ao sugerir, sob um processo sistemático e constante, a utilização de imagens de referência em práticas educacionais.

Notas

¹ Ao observar as normas de apresentação de figuras no trabalho, optou-se por manter uma formatação específica, a qual vai ao encontro das especificidades do material apresentado. Contudo, tal formatação não acarreta prejuízos quanto à forma padrão do artigo, uma vez que os desdobramentos do trabalho dizem respeito à apresentação de um material pedagógico desenvolvido, assim, converter tal material em uma única imagem poderia comprometer o entendimento do exemplo apresentado.

Referências

BRUM, Lucas Pacheco. **Imagens de referência: uma trama entre cultura visual e a educação da cultura visual**. Dissertação (Mestrado em Educação em Artes Visuais) – Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2017.

DUNCUM, P. Por que a arte educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 15 - 30.

FILHO, Aldo Victorio. Fabulações Escolares e Contemporaneidade: ensino da arte, jovens e a fatura de imagens. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Culturas das imagens: desafio para a arte e para educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012, p. 151 – 173.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 31 - 49.

TOURINHO, Irene. Educação estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009, p. 141 - 156.

_____. Imagem, identidade e escola. In: **Salto para o futuro: Cultura Visual e Escola**. Ano XXI Boletim 09 – Ago 2011.

Lucas Pacheco Brum

Mestre em Arte Contemporânea pela Universidade de Brasília – UnB. Especialista em Processos e Produtos Criativos pela Universidade Federal de Goiás – FAV/UFG. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. Normalista pelo Instituto Estadual de Educação Osmar Poppe. Professor contratado das séries iniciais do Ensino Fundamental da Secretaria de Educação do Município de Triunfo – SMT/RS. Contato: lukaspachecobrum@hayoo.com

Marcos Vinícius Magalhães

Mestre em Arte Contemporânea pela Universidade de Brasília – UnB. Especialista em Processos e Produtos Criativos pela Universidade Federal de Goiás – FAV/UFG. Licenciado em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília – UnB. Professor efetivo da Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEDF. Contato: marvimagalhaes@gmail.com

BRUM, Lucas Pacheco Brum; MAGALHÃES, Marcos Vinícius. Cartilha pedagógica: interfaces entre imagens de referência e imagens do campo da arte, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1645-1657.